

# Agenda com a China

» SACHA CALMON  
Advogado



Lucianne Carneiro e Francisco Goés bem analisam a viagem de Lula à China: “A prioridade da agenda entre Brasil e China deve ser sustentabilidade, tecnologia e inovação, sem abandonar os temas tradicionais do comércio entre os dois países, defendem empresas que vão participar da viagem do presidente Luiz Inácio Lula da Silva ao país asiático. A estratégia é o caminho apontado para que o antigo desejo de diversificação da relação bilateral saia do papel e o Brasil possa aproveitar as oportunidades de negócios entre os dois países.

Para o Conselho Empresarial Brasil-China (CEBC), os pilares de sustentabilidade e tecnologia e inovação estão ligados à agenda do futuro e devem ser base para uma nova relação bilateral. A leitura é que os temas são prioridade para o governo chinês — com metas para a descarbonização de economia — e podem dar impulso a conexões inovadoras entre os países. A Vale vem fazendo esforço para ajudar as siderúrgicas na descarbonização. Usinas chinesas estão entre os clientes da mineradora.

Pablo Gimenez Machado, diretor-executivo da Suzano para China e também diretor do CEBC, defende a agenda da sustentabilidade para relações comerciais e investimentos: “As maiores oportunidades estão onde o Brasil possa oferecer transição para a economia de baixo carbono, prioridade na China. “Também há oportunidades para empresas que conseguirem contribuir para a segurança da cadeia de suprimentos do país,” completou.

Gustavo Rabello, sócio do escritório de advocacia Tozzini, responsável pelo China Desk e diretor do CEBC, também vê oportunidades nessas novas áreas, embora destaque a importância dos temas tradicionais.

Commodities sempre serão pauta das discussões sobre exportações porque são fontes muito importantes de receita, já que o Brasil é um dos principais produtores de alimentos do mundo. “A questão é como adicionar também produtos e serviços de valor agregado entre os países”, afirma!

O amplo interesse de empresas brasileiras por participar da viagem, segundo empresários, é que ocorre pouco após a reabertura das fronteiras chinesas, que permaneceram fechadas entre 2020 e 2022 pelas restrições impostas pela pandemia. “Além disso, o ambiente geopolítico mudou no período. Há interesse em entender o que essas mudanças representam para os negócios”, explica Machado. Há alguns dias, o secretário especial da Presidência para Assuntos Internacionais, Celso Amorim, afirmou que temas como clima, investimentos e infraestrutura terão centralidade na viagem. Ele citou que a China ainda é talvez o maior emissor de CO<sub>2</sub>, mas tem programas importantes na área.

Em 2022, a corrente de comércio ultrapassou os US\$ 150 bilhões, com US\$ 89,4 bilhões em exportações para a China e importações brasileiras de US\$ 60,7 bilhões. O perfil desse comércio, no entanto, se mantém concentrado e é muito parecido ao do início, com foco em commodities. Apenas três produtos — soja, minério de ferro e óleo bruto de petróleo — respondem por mais de 70% (US\$ 66,4 bilhões) do que foi vendido pelo Brasil para a China no ano passado.

Entre os principais produtos importados do país asiático, a composição é bem diferente: células fotovoltaicas, células solares e partes de aparelhos telefônicos (smartphones), por exemplo. “O Brasil foi consolidando exportações, mas a pauta continua a mesma: commodities, commodities e commodities”, afirma o presidente da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB), José Augusto de Castro.

Presidente da Apex Brasil, Jorge Viana vê na viagem um recomeço nas relações entre Brasil e China: “Sai um governo que fazia piada com a China e entra um que tem uma amizade histórica. É um recomeço com nosso maior parceiro comercial”.

Há, entre os empresários, também quem tenha uma postura mais cautelosa sobre esse avanço da agenda. A necessidade de debater temas antigos, como embargo da carne brasileira, agora suspenso.

A China é a fábrica do mundo e, pois, exportar para lá industrializados de ponta é pura

ilusão. Não, porém, minérios raros e semi-industrializados, além de maiores volumes de itens do agronegócio.

O maior interesse, entretanto, é trazer, com cláusulas de segurança, o potencial industrial da China para o Brasil, com transferência de tecnologia, mormente nas áreas de eletrônicos e comunicações.

A China anseia se fixar na América do Sul e o Brasil de se projetar na Ásia. Essa, agora, é uma grande oportunidade geopolítica, e a Amazônia tem muito potencial para se desenvolver na área de satélites, drones e investimentos chineses sob o controle de nossas forças armadas.

Não seremos colônia de nenhum país e amigo de todos. A política de alinhamento automático reduz a nossa soberania política e econômica. A China com 1,4 bilhão de habitantes é, sem dúvida, prioridade em nossa política externa. A reindustrialização do Brasil requer capitais chineses e altas tecnologias, sem excluir os Estados Unidos e a União Europeia.

## O tempo passa

» JAIME PINSKY  
Professor, escritor e editor

Virão terrível. A sala não tem ar condicionado, nem sequer ventilação adequada na aula de História em uma importante universidade brasileira. O professor chama um aluno e uma aluna e pergunta por que eles estão de calça comprida, blusa, tênis e meia, não inteiramente nus, como seria mais adequado para suportar a temperatura ambiente.

A resposta certa é que não escolhemos, livremente, nossos hábitos. Somos fruto da história e, em certa medida, até da geografia. Nossa vida concreta, as coisas que fazemos e até a forma como pensamos tem a ver, de uma maneira ou de outra, com quando e onde vivemos. Tivessem os jovens nascidos no seio de um grupo indígena, provavelmente usariam menos roupas. Tivessem nascido há um século, provavelmente usariam mais roupas. Tivessem nascido em outra latitude, utilizariam roupas diferentes. Tivessem nascido dentro de um grupo religioso determinado, talvez utilizassem véus, cabelos raspados, cores determinadas, símbolos diversos.

Quando professor universitário, conversei com vários rapazes que sonhavam em ser guerreiros, combatentes montados em fogosos corcéis e garotas que se imaginavam nobres e disputadas damas. Eu atuava como destruidor de sonhos: assegurava que, caso o impossível se tornasse possível (eles viverem na Europa Ocidental, em plena Idade Média), teriam mais chance de serem camponeses, mãos grosseiras, trabalhando de sol a sol, vivendo pouco e mal, sem romantismo. Sim, havia nobres, havia sacerdotes, mas eram poucos, em uma sociedade injusta.

Por vivermos em sociedade (um homem não é uma ilha), nosso comportamento é

determinado, fortemente, pelo tempo e pelo espaço. Por mais que um jovem nascido no século 21 possa acalantar a ideia de viver na Idade Média Ocidental, isso não é possível. Todos nós conhecemos pessoas incapazes de evoluir, de se dar conta de que o tempo histórico se acelerou muito nas últimas décadas e que também ele precisa mudar. Ou ficar para trás, sonhando com cavaleiros e damas medievais.

A sociedade ateniense de 25 séculos atrás achava perfeitamente aceitável que homens mais velhos tivessem garotos, muitas vezes adolescentes, a seu dispor para práticas sexuais. Nossa sociedade do século 21 se revolta com os infelizes “desvios de conduta” de padres católicos e outros religiosos, que se aproveitam de sua ascendência sobre as famílias para atacar sexualmente rapazes da mesma idade que os garotos atenienses. O “normal” em uma sociedade não é normal em outra, daí não se dever usar a palavra natural, pois as práticas são sociais, referem-se a sociedades organizadas, não são naturais, não fazem parte da natureza.

Por seu lado, a sociedade ateniense tendia a achar razoável que estrangeiros e mulheres não pudessem praticar a democracia direta, na Ágora, não tinham direito de falar, nem de votar. As sociedades modernas, pelo menos as ocidentais, discordam dessa prática, uma vez que tendem a permitir uma participação cada vez maior de gente jovem, estrangeiros naturalizados e, sem dúvida, de mulheres. No entanto, é frequente ouvir-se que a democracia começou na Grécia e particularmente em Atenas.

Mas os bons livros costumam lembrar que a democracia grega foi fruto do seu tempo.

Tempo em que as mulheres não eram consideradas cidadãs. Tempo em que a escravidão era uma prática corrente. Tempo em que cidadãos livres, nascidos em Atenas, varões, com tempo disponível, tinham o direito de praticar a democracia. A democracia ateniense do século 5 a.C. Impossível tentar compará-la com experiências democráticas contemporâneas.

Essas reflexões deixam claro que é impossível sacar modelos de muitos séculos atrás como exemplos válidos para os dias de hoje. A democracia grega não foi a democracia almejada pela Revolução Francesa, pelo modelo estadunidense, ou mesmo pela nossa Carta Magna de 1988. Os tempos são outros, as formações sociais são outras, a história de cada nação é específica.

Por seu lado, a aceleração do tempo histórico tem formado cidadãos que, um pouco mais velhos, não reconhecem o vocabulário usado, os hábitos dos jovens, as práticas sociais e culturais, a tecnologia, as formas de lazer. Nunca a História andou tão rápido. O fato de não se escrever mais à mão, nem com máquina de escrever, mas no computador, é uma mudança impressionante. O hábito de ler, cada vez mais na tela, não no papel. A massificação do hábito de viajar. Músicas que são tocadas em estádios para dezenas de milhares de ouvintes ensandecidos, não mais para meia dúzia de nobres empoados. O fato de as pessoas não ficarem mais preocupadas com a opinião do líder religioso a respeito de temas como virgindade, práticas sexuais, casamentos de curta duração. De fato, as mudanças foram muito rápidas, ao longo de uma única vida. Como dizia meu avô, inconformado, o tempo passa.

## Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // [circecunha.df@dabr.com.br](mailto:circecunha.df@dabr.com.br)

## Fronteiras e realidades

Não se sabe ao certo o que seria, na visão dos atuais protagonistas do poder, o que significaria a utilização do adjetivo “extrema” constantemente acoplado à expressão direita, quando se referem aos seguidores do ex-presidente. Comunicadores seguem o modelo e também os apelidam de extremistas quaisquer outros grupos que se posicionem como direita.

Para aqueles que se deixam embalar pelas cantilenas do populismo, extrema direita ou extrema esquerda são termos utilizados apenas para desqualificar o oponente, lançando -o às bordas e aos limites da razão. Ocorre que nada é mais parecido e próximo um do outro, do que os elementos que se situam nos extremos, confirmando a tese antiga de que os extremos se tocam.

Soldados que vigiavam as fronteiras entre a Europa Ocidental e Oriental, durante a Guerra Fria, pela proximidade e pelo convívio obrigatório que essa condição exigia, mantinham nesses locais, trocas de impressões e comentários ou mesmo provocações irônicas sobre o cotidiano de cada lado dessas barreiras. Com o tempo, os mais curiosos começavam a perceber que eram as divisões ordenadas pela ação política e ideológica, que induziam as divisões entre as pessoas e não, propriamente, a realidade humana, que parecia manter o mesmo padrão.

Todos queriam viver, cruzar esses pontos de fronteiras, sem problemas e ter uma vida digna. Mas havia ali, naquele ponto extremo, uma diferença que chamava a atenção de todos: eram sempre as populações que habitam o lado Oriental que tentavam passar para o Ocidente, e não eram poucos. Difícilmente se via algum indivíduo tentando ingressar no lado Oriental. E por que isso ocorria? A resposta era simples e dizia muito sobre essa linha divisória. No lado Oriental, naquele período dominado pela URSS comunista, não havia liberdade. Todos eram controlados pelo Estado onipresente, e isso fazia toda a diferença entre um lado e outro.

Não foram poucos os casos de soldados, que aproveitando a oportunidade de estarem tão perto da fronteira, fugiam para o lado ocidental, com a ajuda dos seus colegas, de um lado e de outro. Vendo isso, as autoridades da parte oriental criaram uma espécie de zona neutra ou de transição, afastando esses soldados do convívio com seus colegas do ocidente. Atletas, embaixadores, e outros personagens, quando vinham ao ocidente, logo providenciavam uma maneira de pedir asilo político, mesmo que isso acarretasse duras repressões aos seus parentes que ficavam do outro lado da fronteira. São inúmeras as histórias que contam as tentativas para se livrar do controle do Grande Irmão e a busca pela liberdade. Muitos pagaram com a vida.

Por ocasião das notícias dando conta da queda iminente do Muro de Berlim em novembro de 1989, quilômetros de carros particulares trazendo famílias inteiras e com aquilo que podiam carregar, formavam filas junto à fronteira, esperando o momento certo para cruzar para o lado oriental. Nenhuma alma viva fez o caminho inverso naquela data.

Voltando ao nosso caso particular, onde as nuances entre esquerda e direita se dão mais pelos valores de caráter de cada um, poderíamos facilmente classificar de extremismo, o uso dos recursos do Estado para enriquecimento do partido e de seus líderes. A dilapidação de empresas estatais e outros crimes, que todos vimos, ao vivo e em cores, e que guardam uma certa similaridade com os líderes políticos da antiga Europa Oriental, todos eles donos de grandes fortunas, enquanto para a população eram reservados tiquetes para a compra de alimentos escassos e racionados.

A construção efetiva de uma direita no Brasil, em contraponto aos desastres já conhecidos de outros carnavais, já foi iniciada. É um caminho ainda novo e que precisa ser pavimentado com muito esforço e dedicação, mas que se torna necessário e urgente para que os brasileiros de bem não tenham que se dirigir às fronteiras, em busca da liberdade.

### » A frase que foi pronunciada

"Quantas vezes eu já disse para você não acreditar em tudo que ouve? Busque a verdade por si mesmo."

Isabel Allende

### Humanidade

» Ariano Suassuna conheceu uma figura que classificava a humanidade em quem já foi à Disney e quem não foi. A novidade é que CEO da Disney Robert Iger, já escolheu o terreno em Florianópolis para trazer ao Brasil o parque de diversões mais conhecido do mundo.

### Violência

» Roubos no Parkway, assaltos em sinais de trânsito de Brasília, furtos nas igrejas. Se houver complacência da polícia e da Justiça nos primeiros casos, é melhor a população ir se preparando.

### » História de Brasília

Fugiu, doutor, é o termo. E vai ser duro reaver o crédito. Seu sucessor soube se portar, com espírito de renúncia e compressão. Desprendeu-se de vaidades e abriu mão de um direito constitucional para que não fosse sacrificado o povo. O senhor, no caso, faria o mesmo, dr. Jânio? (Publicada em 17.03.1962)